

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 71

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fôra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Como do proprio nome se deprehe — *L'Evangeliste* — as doidas do romance de Daudet pertencem ao genero protestante. Isto prova apenas que a questão não é de jesuitismo mas de religiosidade.

Com a falta de coragem e de abnegação, que caracteriza a maioria dos homens, os escriptores e jornalistas receiam ferir a ignorancia do grande numero atacando as religiões, e, então, laeiam a difficuldade atacando só o jesuitismo. Contra o jesuitismo ha uma tradição e n'ella entra até a idéa de que o jesuitismo é contrario ao sentimento religioso. Os mais sinceros catholicos acceitam bem a propaganda contra o jesuitismo.

Não obstante, se é certo que o jesuitismo é a mais terrivel associação religiosa, certo é tambem que os seus principios mais condemnaveis veem do evangelho, além de que o jesuitismo é o catholicismo e o catholicismo é o jesuitismo. Pretender estabelecer diferenças é dar provas de ignorancia, de hypocrisia e de covardia. E se os seus principios mais condemnaveis veem do evangelho, havemos necessariamente de os encontrar tambem na religião protestante e em todas as nuances da religião de Christo.

«Podemos ainda falar das virgens que choram, ou que mexem os olhos, e dos christos que sangram; mas páro aqui, porque julgo ter dito o bastante para mostrar o verdadeiro caracter da devoção catholica contemporanea. Nas mãos dos jesuitas e dos ultramontanos o christianismo está em vias de voltar ao mais inferior dos fetichismos; tende cada vez mais a pôr-se fóra das leis sociaes, a romper com o espirito moderno, a desocheer as necessidades da humanidade.

Deixemos pois o homem escravo da sua fé religiosa voltar para traz, de cabeça baixa, coberto com as suas medalhas e com os seus escapularios, metter-se pela noite dentro, ao mesmo tempo que o homem emancipado pela sciencia marcha ousadamente para as alturas onde brilham já os primeiros clarões do astro do dia, e onde o sábio, segundo a bella formula do poeta, vai procurar a liberdade:

Liberté va cercando, qu'eh' é si cara!

(Julien Vinson — *Les Religions Actuelles*, pag. 606, edic. de 1888.)

«Mas ao lado d'estes preceitos bons, quantos outros claramente antisociaes! O amor de Deus é proclamado a obrigação por excellencia; o amor do proximo é posto em segundo lugar. Todo o peccado é perdoado aos homens, salvo um peccado clerical, a *blasphemia contra o Espirito Santo*. A moral religiosa toma nitidamente o passo á moral secular e utilitaria. D'este desprezo da realidade chegou a surgir a glorificação da abstinencia

sexual. Contrariamente ao preceito biblico, *crescei e multiplicae-vos*, Jesus não se casou; pelo contrario, impoz o celibato aos seus discipulos e exaltou o merito da continencia absoluta: «Ha eunucos que sahiram assim do seio de suas mães; ha outros que se fizeram taes para adquirir o reino dos céos.» (1)

E' verdade, e isso é uma circumstancia attenuante, que o fundador do christianismo se julgava na vespera do Juizo final: «Não se passará uma geração antes d'estas coisas se realisarem.» (2)

Quando um preceito é absolutamente contrario ás leis physiologicas, a humanidade, no seu conjunto, não o pôde cumprir; contudo, o esforço feito pelo christianismo para fugir á acção da carne tem sido, seguramente, mais prejudicial á humanidade do que a guerra e a peste.

A glorificação da passividade, da humildade *à outrance*, da ociosidade fazem tambem do christianismo uma religião incompativel com a grandeza de qualquer sociedade. E' preciso, diz o evangelho, humilharmos-nos tornarmos-nos pequenos como uma creança; alegrae-vos, se fordes perseguidos e maldictos; (3) não resistaes ao mal que vos queiram fazer; apresentae a face esquerda, quando vos esbofetarem a direita; (4) não vos importeis com o alimento e com o vestuario; imitae n'isso a vida (apparente) das aves do céo e dos lirios dos campos. (5) Nenhuma sociedade, nem mesmo uma pequena sociedade monastica, vivendo como parasita n'um convento, podia accommodar-se com taes maximas; por isso mesmo nunca os christãos em geral conformaram com ellas a sua conducta e o grande apostolo dos gentios, aquelle que começou a espalhar o christianismo no mundo romano, S. Paulo, nunca falou do sermão da montanha; dir-se-hia não o ter conhecido. (6)

A historia, por si, ensina-nos o que foi praticamente a moral dos christãos. No dizer dos proprios padres da Igreja, os dois seculos, que seguiram a conversão de Constantino, formaram um período de vicio escandaloso e geral. (7) Sobre a immoralidade da nossa epocha historica de fé cega, da nossa Edade média, por demais conhecida, nem é bom falar. O Christianismo nunca chegou pois a moralisar essas *obras carnaes* que teve a louca pretensão de extinguir. E prégando a humildade atravez de tudo, *à outrance*, a passividade, transportando o ideal humano a um céo chimerico, enervou os caracteres deixando o campo livre a todos os despotismos.

Mas o grande crime do christianismo, aquelle que nunca se lhe pôde perdoar, foi a sua selvagem intolerancia. O jugo sangrento, que a religião de Jesus tem feito pesar sobre a élite da humanidade, sem estar directamente prescripto no Evangelho, ali existe contudo em germen nos versiculos onde o messias christão proclama que veio dividir e não unir, separar o homem de seu pae, a filha de sua mãe, trazer a espada e não a paz. (8) Uma vez postos e assentes taes preceitos, os fanaticos se encarregaram de lhe tirar as consequencias praticas. Desde que deixou de ser

(1) S. Matheus, liv. XIX, v. 10, 12.

(2) S. Matheus, liv. XXIV, v. 34.

(3) *Ibidem*, V, 11, 12.

(4) *Ibidem*, V, 39.

(5) *Ibidem*, VI, 25, 26, 30, 31, 32.

(6) Ferrière—*«Les Apôtres»*, pag. 199.

(7) Lecky—*«Hist. of Europ. Morals»*, II, 14. J. Vinson—*«Religions actuelles»*, 402, 403.

(8) S. Matheus X, 84-86.

perseguido, o christianismo tornou-se violentamente perseguidor. (Letourneau—*L'Évolution religieuse dans les diverses races humaines*, pag. 554, 555, 556, edi. de 1898.)

Letourneau diz muito bem: uma vez assentes taes preceitos os fanaticos se encarregaram de lhe tirar as consequencias. E uma d'essas consequencias são esses attentados á humanidade e á familia, o caso Calmon, o da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, o da pobre Sarah de Mattos, etc, tudo isso que diariamente apparece nos periodicos de todo o mundo e que não é a vigessima parte, isso que chega ao conhecimento publico, d'aquillo que fica sepultado nas trévas.

«Eu não vim trazer a paz á terra; eu trouxe a espada, eu trouxe o fogo e quanto mais depressa ella arder tanto melhor.

De futuro, n'uma casa de cinco pessoas haverá tres contra duas e duas contra tres.

Asseguro-vos que quem deixar por mim a sua casa, as suas terras, os os seus irmãos, as suas irmãs, os seus paes, a sua mulher ou os seus filhos, receberá desde esse momento o centuplo em casas, em terras e em parentesco. Muitos que eram os ultimos serão os primeiros e muitos que eram os primeiros serão os ultimos

Que importa a felicidade na terra, onde tudo passa e morre? O bem estar é um perigo mais do que uma vantagem. A verdadeira felicidade está nos céos. E' preciso imitar as aves que não semeiam e recolhem. Deus as alimenta; Deus vos alimentará. Se vos esbofetarem na face esquerda, offerecei a face direita.»

Palavras de Christo, que qualquer encontrará nos evangelhos de S. Matheus e de S. Lucas.

Assim o disse Jesus. Disse-o n'um impeto de oratoria revolucionaria? Disse-o impellido pela indignação, que lhe causavam as injustiças, que presenciava? Disse-o por ignorancia das leis sociaes? Evidentemente. Mas os fanaticos é que não destrinçam causas nem motivos. Disse-o. E com a infallibilidade das coisas religiosas, o que ficou dicto, ficou dicto com o valor terrivel d'uma sentença irrevogavel.

Odio á carne! D'esse odio resultou, na phrase profunda de Yves Guyot, a torpeza moral, a torpeza intellectual e a torpeza physica.

«O odio do corpo teve por resultado directo o adulterio. A hypocrisia entra no leito nupcial e ali fica. Sob pretexto de que uma esposa não deve ser tratada como uma amante, o homem procura amantes fóra de casa e a mulher faz-se tratar como amante pelos amantes. Por isso a grande historia dos costumes christãos é a historia do adulterio com todas as suas paixões, com todas as suas violencias duplicadas de hypocrisias, com todos os seus crimes, os seus assassinatos, os seus ridiculos. Toda a edade média rescende a cornadura. Rabelais faz-lhe a historia e desde Molière até aos nossos dias que o cornó é o heroe da scena.» (Yves Guyot—*Études sur les*

Doctrines Sociales du Christianisme, pag. 134-135, edic. de 1881.

Odio á familia! E d'esse odio vem o abandono constante a que as mulheres lançam os maridos, as filhas os paes, as irmãs os irmãos, para irem procurar o reino dos céos.

Apologia do celibato e da abstinencia! E d'essa apologia vem a loucura de Santa Thereza, de Maria Alacoque, essas allucinações hystericas a que nos temos referido, e os deboches secretos que resfolgam de vez em quando n'esses escandalos da irmã Collecta, de Aldegavinha e tantos outros.

«O ascetismo e o deboche teem uma origem identica: o desejo do impossivel, a aspiração além das forças do homem, a insaciabilidade de sensações novas. O deboche e o ascetismo são efeitos distinctos d'uma mesma affecção: o hysterismo.» (Guyot, *ibidem*, pag. 124.)

Apologia da resignação, da humildade! E d'essa apologia resultou o triumpho do despotismo. «O christianismo lançou os povos com o ventre no chão. Ras-tejando deante de Deus e do rei o homem tornou-se um reptil; como reptil rasteja, mas como reptil morde tambem.» (*Ibidem*, *ibidem*, pag. 120-121.)

Todos os esforços da realza foram e são em todo o mundo por manter o predomínio da religião. O rei é o delegado de Deus. Emquanto houver sujeição a Deus, ha-de haver sujeição ao rei. Obediencia a Deus no céo, obediencia ao rei na terra. Resignação perante as desgraças que Deus nos manda, resignação perante as desgraças que o rei provoca.

Tal é a doutrina religiosa. Tal é a doutrina do despotismo.

Intolerancia! Intolerancia! Intolerancia!

Postas aquellas doutrinas, ninguem as combata, ninguem as discuta sequer!

Intolerancia! Intolerancia! Intolerancia!

Mas, como os leitores veem, esses principios são do evangelho. Não são exclusivos do jesuitismo. São do evangelho. Praticae-os a religião de Roma, como os pratica a religião de Calvino ou Luthero. São dos catholicos, como são dos protestantes, como são, afinal, de todas as religiões, embora o jesuitismo seja a mais terrivel e a mais torpe das sociedades religiosas.

E só agora os nossos leitores menos cultos poderão comprehender a Madame Antheman, a Anna de Benil, a Watson de Cardiff, a Éline, todas essas magistraes figuras de *L'Evangeliste*, o magistral romance de Daudet.

E continuaremos.

Que relaxamento!

Pela segunda vez lembrámos a quem dirige os serviços hydraulicos que se pague áquelles desgraçados guardas do rio e mestres de vallas os 3 mezes que se lhes devem dos seus minguados ordenados, para não termos de os vér amanhã estender a mão á caridade publica.

Que triste administração!

Apostamos que os mais largamente remunerados andam pagos em dia!?

Agradecemos ao nosso estimavel collega *Vitalidade* as referencias a uma das nossas ultimas *Cartas d'Algures*.

Cartas d'Algures

20 DE DEZEMBRO.

Hoje sahi de casa para dar um passeio pelo campo. Mas ainda não tinha dado duas duzias de passos quando recuei horrorisado. As bellas arvores, que bordavam a estrada, jaziam por terra, derribadas a golpe de machado.

Que impetos de colera eu não senti! A minha vontade, no primeiro instante, foi cruel. Eu regalava-me n'aquelle momento chegado fogo á mão do bruto, que decretou aquella bestialidade. Chegando-lhe fogo e vendo-a arder com braço e tudo.

Recuei, raivoso. E raiva impotente, que é a mais incommoda de todas.

Eu não conheço martyrio maior que ser intelligente e honesto n'este paiz. Que tortura, que martyrio! Anciar pela verdade, pela justiça e vél-as sempre pisadas aos pés. Amar o progresso, a arte, a cultura e vér a estupidez a marrar e a ignorancia a dar coices. Valer, e não servir de nada esse valor; mais, vér esse valor preterido pela insignificancia atrevida.

Que tortura! Que martyrio! Recuei horrorisado. Os formosos platanos estendidos na estrada, as robinias calidas de travez, os castanheiros da India ao longo das valetas déram-me o horror d'uma chacina barbara. Eu amo as arvores. Aquella morte foi-me dolorosa. A morte dolorosa dos amigos!

O primeiro conhecido que encontrei foi rudemente interpellado por mim. Quem foi o miseravel que mandou aquillo?

Brutamontes? Miseravel? Miseravel em todo e qualquer caso.

Então explicaram-me. Aquillo foi um arranjo eleitoral. O governador civil arranjo a dissolução da camara municipal. Esta foi substituida por uma commissão, presidida por um vendedor

de qualquer coisa, por uma besta. Outra besta, que poderemos chamar besta segunda, declarou á primeira, que poderemos chamar besta numero um, que lhe daria os seus votos se besta numero um lhe tirasse de ao pé da propriedade os formosos platanos, as bellas robinias, os esplendidos castanheiros, que o affrontavam na sua bruteza, que o incomodavam na sua crassa e suina estupidez. E besta numero um deferiu logo o pedido, mandando *in continente* entrar com as arvores o machado municipal.

Mas como é que uma terra d'esta ordem consente em ficar á disposição de duas cavalgadas de tal jaez? Como é que as cavalgadas, que commettem um vandalismo tão revoltante, não foram ainda expulsas a pau das cadeiras curnes, vá lá o chavão dos asnos por esta vez?

O meu interpellado gaguejou evasivas de patriota apanhado em flagrante delicto de criminosa inercia e não me deu resposta em termos.

Eu não ateimei, com receio do patriota vir a responder-me: «pois se não está bem vá-se embora.» Era uma resposta bruta, mas, por isso mesmo, logica.

Vá-se embora! Quem sabe lá? Talvez vá.

Lembro-me muito bem da passagem d'um livro de Quinet, por mim lido ha já bastantes annos, *Le Livre de l'Exilé*, onde o grande escriptor agradece á França não lhe dar logar no meio dos seus trinta e seis milhões de escravos.

—O que fazem aquelles que eu amava?

—Renegam-te.
—E os outros?
—Muitos alegam-se com o teu exilio.

—Todos contra mim!
França, recusas-me um logar no meio dos teus trinta e seis milhões de escravos! Eu t'o agradeço.

N'outra parte, onde reata o dialogo, quando lhe perguntam o que elle quer para os seus compatriotas, Quinet responde:

Nada!
—Exilado, vou tornar a vêr o teu paiz. Quem queres que saude em teu nome?

—Sauda as pedras de dois tumulos.
—A quem queres tu que eu leve as palavras do teu coração ferido?

—Leva, se queres, uma palavra de saudade ou adens ás bellas estatuas de marmore, a essas immortaes de quem me não pude despedir.

—Quaes lei de procurar?
—A Venus de Milo, a Diana Caçadora, o S. João de Leonardo, a Virgem de Raphael e os convivas de Veroneso.

Dize-lhes que os meus olhos se voltam muitas vezes para ellas, que as procuro e as chamo. Acolherão a tua mensagem porque sabem que as adorei quando me podia aquecer ao sol que as illumina.

Dize-lhes que sinto o mal do paiz, mas que só o sinto quando penso na região de belleza que ellas habitam e á qual aspiro.

Fala-lhe do meu culto. A pedra ha de te ouvir e a tela ha de respirar com o teu sopro.

—Mais nada?
—Dize-lhes que as vejo embelezar-se cada vez mais, ao passo que a multidão escrava cada vez se afeia mais aos seus pés, seguida d'uma posteridade mais rastejante e mais desforme ainda.

—E que direi aos homens?
—Nada. Aos homens nada, que são surdos.

Ninguém terá a tolice de julgar que eu possuo a tolice maior ainda de pensar em me comparar a Quinet. Mas, francamente, a idéa de Quinet é a idéa de todos que teem coração. Depois, como tudo é relativo n'este mundo, não é preciso ter a cabeça de Quinet, basta ser mediocrementemente intelligente para haver vontade de fugir a correr das formidaveis cavalgadas que constituem o nosso meio dirigente.

Quem pensa e quem sente está sempre torturado no meio d'estas bestas. Qual póde ser o allivio? Fugir.

Fugir para o isolamento. E aqui estamos em melhores condições do que o pobre Quinet, porque não deixámos atraz de nós estatuas nem telas de mestres para termos saudades d'ellas. Até agora ainda poderíamos deixar a natureza aprazivel d'este ou d'aquelle sitio. Mas para o futuro, não. Até as arvores vão desaparecendo. Isto é reconhecido por toda a gente que viaja no paiz. As arvores vão desaparecendo, victimadas por um egoismo sordido e estúpido.

Cem vezes eu notei esse facto ali em Aveiro. Aveiro é hoje uma cidade árida, sem claros escuros na paisagem. A vista alonga-se e mal para um instante em estreitas fachas de pinheiros. Em geral vai seccamente morrer no horizonte ou nas asperas areias do mar.

Por aqui diz-me toda a gente que as arvores são hoje em muito menor numero do que eram dantes. E assim por toda a par-

te onde tenho estado ou por onde tenho passado.

A frente dos municípios apparecem vulgarmente homens como o titi Antonio de Villar, como esta cavalgada que uma cidade se não envergonha de ter á testa da vereação, este azeiteiro ferozmente besta, que acaba de derrotar duas ou tres alamedas para adquirir dois taberneiros eleitores. Estes quadrupedes não conhecem a influencia do arvoredo na hygiene, no regimen das chuvas, na esthetica, como não conhecem coisa nenhuma, além da pia onde mettem a tromba suja. Elles e os que os supportam e aturam.

Que o albardeiro, ou azeiteiro ou vendedor de sola, ou que diabo é, fosse capaz de deitar abaixo duas alamedas n'uma cidade porque a suina creatura de um taberneiro lh'o exigia em troca de quatro votos, vá. Uma besta entre cem homens escapa e não irrita. Mas que o bruto não fosse depois d'isso amarrado a um pelourinho e vergalhado, arre, que são bestas demais e homens de menos.

Qual é o recurso de um homem no meio d'estas cavalgadas? Fugir. Não ha outro. Fugir para o meio das fragas, onde nos resta a consolação de conversar com os livros sem o triste espectáculo das cavalgadas humanas aos pinotes.

Por mim, tenho mais vontade d'isso que de outra coisa. Passo perfeitamente sem o convívio e sem a presença de taes animaes.

Uns poucos de factos se juntaram agora para accentuar a profunda abjeção a que chegon este paiz. As scenas torpes da alta sociedade lisbonense reveladas pelo crime da Mãe d'Agua; a prohibição feita pelo governo á imprensa para não referir os pormenores d'esse crime; o acatamento abjecto d'essa ordem pela imprensa; as torpezas eleitoraes commettidas de norte a sul, tudo isso nos revelou uma situação de baixo imperio. Quem lêu alguma vez a historia do segundo imperio, em França, vê aqui repetidas todas as scenas que levaram aquella nação á ruina.

Qual será, quando e aonde, o nosso Sédan? Ninguém o sabe. Contudo, elle se prepara e elle virá.

A. B.

Doente!

Tem passado bastante doente, n'estes ultimos dias, o nosso amigo Viriato Fernando de Souza. Appetecêmos-lhe rapidas melhoras.

XXV

Um garatuja maldita como nunca vi na minha vida.

She Stoops to Conquer.

Quando o templario entrou na grande sala do castello já lá encontrou De Bracy.—A vossa conferencia amorosa, disse este, foi provavelmente interrompida, como a minha, pela estrondosa chamada da buzina. Mas vós chegais mais tarde e mais contrariado do que eu, d'onde presumo que a vossa entrevista foi mais agradável do que a minha.

—Então a vossa entrevista com a herdeira saxonia não foi bem succedida? perguntou o templario.

—Pelas reliquias de Thomaz de Beckt, respondeu de Bracy, lady Rowena por força ouviu dizer que

A caridade em acção

Uma commissão de bemfeitores da nossa beira-mar promove uma subscrição para angariar donativos com o fim altamente generoso, de ser dado um bôdo aos pobres no dia de Natal.

A frente d'esta commissão encontra-se o sr Francisco da Naia Sardo, auxiliado pelo sr. João de Pinho Vinagre, filho da caridosa mulher Maria do Nascimento, que Aveiro tanto admirou pela sua piedade para com os infelizes, indo levar o conforto onde havia lagrimas e miseria.

Bem hajam, pois, os que trabalham para que n'este dia de tanta alegria para uns e tristeza para outros, se não esqueçam os nossos pobres.

N'esta redacção tambem se recebe qualquer donativo para tão generoso fim, sendo immediatamente entregue á commissão. No proximo n.º publicaremos os nomes de que subscreverem para a realisacção de tão desinteressado acto.

Echos da semana

Toda a gente sabe, porque a imprensa monarchica se não cansou de o apregoar com um enthusiasmo verdadeiramente estalfante, que esteve ali, no Tejo, uma esquadra ingleza; que, por essa occasião e por tal motivo, houve banquetes; que se levantaram brindes; e que, o que mais interessa, a nossa alliança com a Inglaterra saiu de tudo isto, tão fresca e vigorosa, como se fôsse um pacto pela primeira vez celebrado no meio das mais sorridentes esperanças.

Lêmos algures que a *Independencia Belga* escreveu, a este respeito, que as allianças se fazem sempre contra alguém, e que, Portugal, para assim se lançar nos braços da Inglaterra, se sentiu, certamente, ameaçado nos seus interesses.

Na opinião do referido jornal, é a Grã Bretanha que põe em risco a independencia de Lourenço Marques. Com a alliança, Portugal não tem em vista impedir que esta nossa possessão passe para o dominio colonial britannico no dia em que o gabinete inglez convencer facilmente o nosso governo a ceder lh'a, mas sim pór-nos em condições de alençar vantagens compensadoras na peninsula, quando a Hespanha, perdido o ultimo fio da sua corôa colonial, procurar expandir-se, no continente, á custa do territorio portuguez, rompendo-nos as fronteiras e retalhando-nos os dominios continentaes.

Acha o jornal belga original este meio de procurar segurança na protecção dos proprios inimigos, e as *Novidades*, que não conhecem ninguem mais nosso amigo do que os nossos feis alliados, taxam de embrullhada tudo quanto o referido periodico escreveu.

Original ou sem originalidade, embrullhada ou por embrullhar, o fa-

eu não posso ver uma mulher a chorar.

—O quê! tu, chefe de uma companhia franca, importas-te com as lagrimas de uma mulher! Algumas gottas d'agua lançadas sobre o facho do amor fazem-lhe atear a chama ainda mais.

—Obrigado pelas algumas gottas da tua aspersion, replicou De Bracy; as lagrimas derramadas pela minha donzella chegavam para apagar uma fogueira. Nunca se viram taes contorções de mãos e semelhanças torrentes de lagrimas desde o tempo de Santa Niobe (1),

(1) Eu não desgostava que o prior os informasse de quando Niobe foi santificada. Provavelmente na esclarecida epoca em que Pan legou a Moisés os seus chavelhos pagãos.

NOTA DO AUCTOR.

cto, a verdade historica é que a amizade ingleza não é despida de interesse. Os inglezes são um grande povo, dotado de duas qualidades primordias que fazem da raça britannica uma raça dominante: são persistentes e patriotas. Tem o seu plano de engrandecimento; e convindo-lhes até o mais desnudado e solitario rochedo em pleno mar, porque não hão de ambicionar o melhor porto da costa suêste da Africa, porto amplo e abrigo seguro por onde naturalmente se tem livre ingresso para a Swazilandia e para o Transvaal? Depois isto não é uma ambição d'hoje, que lance o espanto no animo de ninguem; mas hoje, mais do que nunca, depois dos ultimos successos sul-africanos, convém á Inglaterra a inclusão de Lourenço Marques no seu vastissimo imperio colonial, imperio enorme que abrange uma área de 27 748 750 kil. q., pouco menos da quinta parte da superficie sólida do globo.

Infelizmente, apesar de todos os desinteresses da nossa fiel aliada, Delagá-Bay sorri-lhe, e não seremos nós, que não temos o heroismo transvaalio, que os usaremos erguer a frente n'um movimento brusco de resistencia contra as intenções da poderosa Grã-Bretanha.

A Inglaterra é muito nossa amiga e muito desinteressada. Basta que o digam as *Novidades*.

Ora não se perca da memoria que a Inglaterra não fez reparos de grande monta em aceitar a indemnisação em que o tribunal arbitral de Bernos condemnou na questão do caminho de ferro de Lourenço Marques.

A Inglaterra, que não perde o menor ensejo de engrandecer o seu já formidabilissimo imperio colonial, servindo-lhe o mais futil motivo para assegurar a superioridade da sua raça que vive n'um constante *struggle for life* que encontra no povo inglez uma confirmação quasi ferina; a Inglaterra que, como nação pratica e calculista, não comprehende combinações improdictivas, acatou, sem grandes objecções, e com espanto geral, a sentença condemnatoria de Bernes, que nos obrigou ao pagamento d'uma indemnisação que toda a Europa reputou pequena.

Desinteresse? Amizade?

Ambas as cousas, na opinião das *Novidades*, que correm pressurosas a abrandar o enthusiasmo sóffrego com que os orgãos officiaes dos partidos monarchicos disputaram, ainda ha dois dias, para cada uma das suas facções, a gloria exclusiva da renovação da alliança. Amizade e desinteresse, na opinião das mesmas *Novidades*, que acharam irritante a polémica sobre a paternidade da alliança, e, por isso, se lançaram em meio dos contendores, como agua na fervura, cedendo, evangelicamente, em beneficio de ambos o seu quinhão, que talvez não seja o menor, visto que de muito longe vinham sustentando essa campanha, só, desajudadas de auxiliavies, e tendo como unico apoio o bom senso e a razão, sendo hoje aquelle facto um triumpho para a sua propaganda.

Mas Lourenço Marques permanecerá no dominio portuguez. Diz-m-nos as *Novidades* e é quanto basta.

A Inglaterra é muito nossa amiga e desinteressada.

Podêmos deitar mais uma sardinha na braza e dormir descansados, por-

de quem nos fallou o prior Aymer. A bella saxonia dentro de um diabo aquatico.

—Pois a judia tem uma região de diabos, replicou o templario; porque um só, ainda que elle fôsse o proprio Apollyon, creio que não podia inspirar-lhe uma tão indomavel altivez e resolução.—Mas onde está Testa-de-Boi? A buzina toca de cada vez com mais força.

—Supponho que está em negociações com o judeu, respondeu De Bracy com indifferença; provavelmente os rugidos de Isaac abafam o som da buzina. Tu deves saber por experiencia, *sir* Brian, que um judeu despojado dos seus thesouros em condições como as que lhe ha de impôr o nosso amigo Testa-de-Boi, deve levantar um clamor capaz de sobrepujar vinte vozes e outras tantas trombetas. Mas nós

O outro só se conhece pelo toque. Eu voltarei em breve e terei contigo uma nova conferencia.

O templario tornou a entrar para o aposento da torre e desceu a escada, deixando Rebecca pouco mais aterrada com a idéa da morte a que pouco antes estivera exposta, do que pela exposta, do que pela furiosa ambição d'aquelle homem perverso e audaz, que infelizmente a tinha em seu poder. Quando entrou para o aposento, o seu primei-

ro cuidado foi dar graças a Deus de Jacob pela protecção que lhe havia concedido e implorar a sua continuação para ella e para seu pae. Um outro nome foi envolvido na sua prece: era o do christão ferido que a sorte lançara nas mãos de homens sanguinarios, seus inimigos confessos. E' certo que o seu coração a censura por ter, mesmo quando se dirigia a Deus, incluído nas suas devoções a lembrança de um homem cuja sorte não podia alliar-se á d'ella, um nazareno, um inimigo da sua fé. Mas a prece tinha-lhe já saído dos labios, e nenhum preconceito mesquinho da sua seita decidiu Rebecca a retractal-a.

AO SR. E. MOLLINET

Director da «Revista de Biographia e de Historia»

Paris, setembro.

MEU CARO SR. MOLLINET.— Encontrei hontem á noite, ao voltar de Fontainebleau a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biographia e de Historia*, me pergunta quem é este meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e amargamente carpida nos jornaes de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras ou que fundações, ou que livros, ou que ideias, ou que accrescimento na civilização portugueza deixou esse Pacheco, seguido ao tumulo por tão sonoras, reverentes lagrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como n'um resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu paiz nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma ideia. Pacheco era entre nós superior e illustre unicamente porque tinha um *immense talento*. Todavia, meu caro sr. Mollinet, este talento, que duas gerações tão soberbamente aclamaram, nunca deu, da sua força, uma manifestação positiva, expressa, visivel! O talento immenso de Pacheco ficou sempre calado, recolhido, nas profundidades de Pacheco! Constantemente elle atravessou a vida por sobre eminencias sociaes.

Deputado, Director geral, Ministro, Governador de bancos, Concelheiro de Estado, Par, Presidente do— Pacheco tudo foi, tudo teve, n'este paiz que, de longe e a seus pés o contemplava, assombrado do seu immenso talento. Mas nunca, n'estas situações, por proveito seu ou urgencia do estado, Pacheco teve necessidade de deixar sahir, para se afirmar e operar fóra, aquelle immenso talento que lá dentro o suffocava. Quando os amigos, os partidos, os jornaes, as repartições, os corpos collectivos, a massa compacta da nação, murmurando em redor de Pacheco «*que immenso talento!*» o convidavam a alargar o seu dominio e a sua fortuna—Pacheco sorria, baixando os olhos serios por traz dos oculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu immenso talento aferrado dentro do craneo como no cofre d'um avaro. E este reserva, este sorrir, este lampear dos oculos, bastavam ao paiz que n'el les sentia e saboreava a respandecente evidencia do talento de Pacheco.

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em que Pacheco, desdenhando a *Sexta* assegurou «que o seculo XIX era um seculo de progresso e de luz.» O curso começou logo a presentir e a afirmar, nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta admiração, cada dia crescente, do curso, communicando-se, como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionaveis ás classes racionadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um *premio* no fim do anno. A fama d'esse talento alastrou então por toda a academia—que vendo Pacheco sempre pensabundo, já d'oculos, austero nos seus passos, com praxistas gordos debaixo do braço, percebia alli um grande espirito que se concentra e se retesa to-

do em força intima. Esta geração academica, ao dispersar levou pelo paiz, até aos mais sertanejos burgos, a noticia do immenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Traz os Montes, em lojas palmeiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com respeito, com esperança:—«Parece que ha agora ali um rapaz de immenso talento que se formou, o Pacheco!»

Pacheco estava maduro para a representação nacional. Veiu ao seu seio—trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira, com dispendios e manhas, apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na estrelada noite de dezembro em que elle, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá e torradas, se susurrou pelas mesas, com curiosidade:—«E' o Pacheco, rapaz de immenso talento!» E desde que as Camaras se constituíram, todos os olhares, os do governo e os da opposição, se começaram a voltar com insistencia, quasi com ansiedade, para Pacheco, que, na ponta d'uma banca-da, conservava a sua attitude de pensador recluso, os braços cruzados sobre o collete de velludo, a fronte vergada para o lado como sob o peso das riquezas interiores, e os oculos a faiscar. . . Finalmente uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da Corôa, Pacheco teve um movimento como para atalhar a padre zarollo arengava sobre a «liberdade.» O sacerdote immediatamente estacou com deferencia; os tachygraphos apuraram vorazmente a orelha: e toda a camara cessou o seu desafogado susurro, para que, n'um silencio condignamente magestoso, se pudesse pela primeira vez produzir o immenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco não prodigalisou desde logo os seus thesoros. De pé, com o dedo espetado (geito que foi sempre muito seu) Pacheco affirmou n'um tom que trahia a segurança do pensar e do saber intimo:—«que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a auctoridade!» Era pouco, decerto:—mas a camara comprehendeu bem que, sob aquelle curto resumo, havia um mundo, todo um formidavel mundo de idéas solidas. Não volveu a fallar durante—mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisivel e inacessivel se conservava lá dentro, no fundo, no rico e povoado fundo do seu sér. O unico recurso que restou então aos devotos d'esse immenso talento (que já os tinha inconstaveis) foi contemplar a testa de Pacheco—como se olha para o céu pela certeza que Deus está por traz dispondo. A testa de Pacheco offerecia uma superficie escanteadá, larga e lustrosa. E muitas vezes, junto d'elle, Conselheiros e Directores geraes balbuciavam maravilhados:—«Nem é necessario mais! Basta vêr aquella testa!»

(Continúa.)

EMPRESA ALUGADOURA E LIQUIDADOURA
AGENTE
Augusto Jorge Garcia
R. José Luciano de Castro
n.º 20
AVEIRO

O templario leu o seguinte: «Eu, Wamba, filho de Mutoto, bobo do nobre e livre homem Cedric de Rotherwood, chamado o Saxão; e eu, Gurth, filho de Beowulph, porqueiro. . .»

—Tu estás doido! interrompen Testa-de-Boi.

—Por S. Lucas, é o que cá está, respondeu o templario; e continuou a ler: «Eu, Gurth, filho de Beowulph, porqueiro do dito Cedric, com a assistencia dos nossos alliados e confederados, que fazem causa commum commoço n'esta questão, nomeadamente o bom cavalleiro denominado até ao presente *Le Noir Fainéante*, e o valoroso archeiro Roberto Locksley, denominado *Racha-vareta*; A vós, Rinaldo Testa-de-Roi, e a todos os vossos alliados e cumplices fazemos

(Continúa.)

Fallecimento

Falleceu no Porto o nosso patricio sr. Antonio Gonçalves Netto, irmão e cunhado dos nossos amigos, srs. Manuel Gonçalves Netto e Domingos Grijó, a quem enviamos os nossos pezames.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

Escola Districtal

Recebemos e agradecemos um exemplar do relatório enviado ao director geral de instrução publica pelo director da Escola Districtal de Aveiro, o sr. padre José Marques de Castilho.

Os mosquitos

E O

PALUDISMO

(Continuação do n.º antecedente)

Os experimentadores não desanimaram com tão pouco. D'esta vez foi Patrick Manson, um dos primeiros que tinham assignalado esta pathogenia, quem se encarregou de realizar a experiencia em condições decisivas. Recolheu na Italia, por intermedio de Bastianelli, larvas d'*anopheles*, fel-as lá cultivar e tornar depois infectiosas tirando-as do sangue d'um paludico. Tornados assim os animaes perigosos, fel-os expedir de Roma para Londres e tomou para *sujeito* de experiencia seu proprio filho, estudante, que nunca tinha tido um accesso de febre. O manco fez-se picar pelo enxame de *anopheles* romano; um mez depois teve o accesso typico e o seu sangue continha o parasita.

A transmissão da malaria pelo mosquito não podia, pois, deixar duvidas nenhuma. Como contra prova d'esta experiencia de Manson, dois professores da escola de medicina tropical de Turim, os srs. Sambon e Low, quizeram mostrar que quem se puzesse ao abrigo das picadas de mosquitos, deveria ficar livre de todos os accidentes de febre, de todo o contagio malarial. Viveram desde o mez de maio até ao mez de outubro na campina, perto de Ostia, região reputada das mais perigosas, mas com as precauções seguintes: garantiam-se das picadas por meio de véos e cortinas, de mosquiteiros, fechados hermeticamente uma hora antes do pôr do sol e só desprotegidos uma hora depois do romper do dia. No fim do verão, Grassi não encontrou em nenhum d'elles o minimo traço de parasita no sangue.

Depois foi a experiencia repetida em larga escala pela Sociedade Italiana para o estudo da Malaria. N'uma região devastada pelas febres, a planicie de Capiano, escolheram-se 104 empregados da linha do caminho de ferro, que ficaram habitando as casas dos guardas linhas ou estações.

Onze d'estes empregados estavam indemnes; os outros tinham tido outr'ora accidentes palustres, muitos ainda no verão anterior. Estes foram tratados a quinino desde o meado de março até ao meado de junho. A partir d'este dia não se lhe deu nenhum medicamento, mas ficaram todos

fechados, desde o pôr até ao nascer do sol, nas suas habitações cujas aberturas foram fechadas com grades metallicas extremamente finas.

Os que estavam de serviço de noite, não saham senão com véos espessos, uns e outros estavam, por assim dizer, envolvidos completamente em mosquiteiros e postos ao abrigo das mordeduras.

Este tratamento especifico de novo genero durou todo o verão; no fim de tres mezes não havia caso algum de febre nos 104 empregados, ao passo que os habitantes visinhos, os camponezes dos arredores, tinham pago todos, á excepção de 1 ou 2 por 100, o tributo habitual á doença.

Outro exemplo tambem probativo: a ilha Asinara, ao norte da Sardenha, é infestada de paludismo. Os criminosos que alli trabalham são quasi todos attingidos pela febre. Os doutores Ternú e Tondini acharam larvas nos poços de alimentação. Fizeram então desinfecção dos poços com petroleo, de junho a novembro, e esgotal os todos os quinze dias; depois fizeram aos mosquitos uma guerra encarniçada com polvora e vapores insecticidas nos dormitorios dos forçados. Todos os dias ao anoitecer estes eram fechados com cuidado depois d'aquella desinfecção. Não houve mais febre intermitente.

Estes factos são demonstrativos: qual é a conclusão que devemos tirar d'elles? E' que sendo os mosquitos a causa da malaria, o unico remedio é livrarmo-nos d'elles. Não é commodo. Os agentes que produzem quasi seguramente a destruição das larvas, como o petroleo, certas cores de anilina, não podem ser empregados por toda a parte. No entanto saiba-se que deitando nos pequenos charcos e depositos d'agua em volta das habitações algumas gotas de petroleo, se destroe esse verme.

Nas regiões insalubres, o escoamento methodico das aguas, o desapparecimento successivo das aguas estagnadas, produz a diminuição gradual e a extincção de doença. A prova adquirimol-a nós nos Dombes.

Emfim, á falta de prophylaxia directa para a destruição d'uma raça tão fecunda, é preciso livrarmo-nos das picadelas e fazer como os experimentadores italianos.

O *anophele* é antes de tudo um insecto nocturno, que gosta das regiões pantanosas. E' não sahir, quem viver n'esses paizes, depois do pôr do sol, ou não sahir senão com o rosto e as mãos protegidas contra as picadas, fechar com cuidado as janelas e não esquecer os mosquiteiros. Os *anopheles* não gostam do cheiro das cinerarias e chrysanthemos; sendo o cheiro d'estas plantas pouco penetrante, não ha inconveniente algum em collocar alguns pés nos quartos de dormir. Mas de todos estes meios, incluindo a polvora queimada e outros vapores, o que me inspira mais confiança é um bom mosquiteiro, de malhas finas, bem impenetravel.

DR. A. CARTAZ.

(De La Nature.)

que o perigo que corriamo na Africa do Sul, saindo os boers vencedores, desappareceu na sombra benéfica da amizade e desinteresse da Inglaterra, que, victoriosa, lamenta, pela voz do *Daily Chronicle*, que as manifestações amistosas, que ressaltaram espumantes do *toast* levantado pelo rei de Portugal á Imperatriz das Indias, não tivessem sido feitas no começo da campanha contra o Transvaal. Então seriam outro sobre azul, mas, como mais vale tarde do que nunca, não deixam ainda agora de ter valor.

Aos boers convinha a magnifica bahia de Lourenço Marques; aos ingleses, não. Para que a quem elles, elles que são tão nossos amigos e tão desinteressados?

Deixêmo-nos de sustos, que o bocacado está bem guardado.

Toios que nós somos, e a Inglaterra que é tão nossa amiga! . . .

E a proposito:

Recordâmo-nos agora ter lido n'um jornal que alguns orgãos da imprensa estrangeira noticiaram ter o bispo anglicano do Labrador declarado que o Pólo Norte faz parte integrante do seu bispado. Isto, evidentemente, é piada, mas é forçoso convir que tem certa graça e é bastante expressivo.

E haja saude, que, apesar de todas as victorias da nossa graciosissima alliada e desinteressada amiga, o *Morning Leader*, referindo-se á guerra contra as duas republicas sul-africanas, que os ingleses já julgam definitivamente suas, tem estas palavras d'amargo desconsolo:

«Temos perdido já 85 milhões de libras esterlinas e 72:000 homens. O inimigo apresenta-se cada vez mais valoroso: os hollandezos do Cabo inspiram maiores inquietações, e o governo inglez nada faz para sair d'esta situação.»

«Se não se muda de procedimento, appellando-se para processos generosos, corremos o perigo de perder a Africa do Sul, como os hespanhoes perderam Cuba.»

Quer dizer: continuam a levar para tabaco. Custa-nos muito que tal succeda, mas. . . que lhes preste.

No entanto, lord Roberts que se vá contentando com a recepção festiva que os madeirenses lhe prepararam para o dia 28, enquanto não chega á Inglaterra, onde maior e mais digna consagração o aguarde, a elle e aos pobres soldados que lá, como cá, depois dos foguetes, dos hymnos e das aclamações estridulas dos primeiros momentos de entusiasmo, teem, como unico galardão, a agonia lenta da miseria que lhes mina, descuidosa, a existencia e lhes escancára aos pés o funebre e inglorio pantheon da valla-commum.

E.

Na associação dos constructores civis e artes correlativas houve no domingo uma palestra por alguns conhecidos oradores socialistas portuenses. Entre elles destacaram-se João Maravilhas Pereira, Thomaz Gasparinho, nosso patricio, e Alfredo Pinto Teixeira, que mostraram a utilidade das associações operarias. Foram muito applaudidos.

Retiraram no comboio da noute.

vamos mandal-o chamar pelos seus vassallos.

Pouco depois juntou-se-lhes Testa-de-Boi, que fóra interrompido na sua crueldade tyrannica, como os leitores sabem, e se demorara só o bastante para dar algumas instruções necessarias.

—Vejam a causa d'este maldicto clamor, disse elle; aqui está uma carta, que se me não engano, é um saxão.

Poz-se a miral-a, virando-a e revirando como se esperasse saber o seu conteúdo invertendo a posição do papel, e depois passou-a a De Bracy.

—Para a minha sabedoria são letras magicas, disse este que possuia uma boa dose da ignorancia que caracterizava a cavallaria d'essa epoca.—O nosso capellão tentou ensinar-me a escrever, disse elle,

mas como todas as minhas letras pareciam pontas de lanças ou laminas d'espadas, o velho tonsurado abandonou a tarefa.

—Dá-m'a cá, disse o templario. Nós, em virtude do nosso character sacerdotal, temos algum saber para realçar o nosso valor.

—Então fazei-nos aproveitar da vossa reverendissima sabedoria, disse De Bracy. Que diz o papel?

—E' um cartel formal de desafio, respondeu o templario; mas, por Nossa Senhora de Bethlehem, se não é forçada louca, é o mais extraordinario cartel que jámais atravessou a ponte levadiça de um castello seuhorial.

—Uma farçada! exclamou Testa-de-Boi. Não desgostava de saber quem se atreve a caçoar commigo em semelhante materia. Lê-de isso, sr Brian.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de **Mannel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moldo, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)
AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barras e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO

NOVA ALQUILARIA
DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vendo-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Almanach illustrado DO "OCCIDENTE," Para 1901

Este excellento almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do "Occidente" para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, annuario da batalha do Bossaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mataba, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobresa- hindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do "Occidente"*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa splendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

83—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancla.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALÇÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—**AVEIRO**

—*—
NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.